ANTROPOLOGIA E ARQUIVOS EM PERSPECTIVA AFRO-LATINO-AMERICANA E INDÍGENA: EPISTEMOLOGIAS, MEMÓRIA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NO ANTROPOARQ 2025

Alline Torres Dias da Cruz (UFBA)
https://orcid.org/0000-0003-2031-5029

Carolina Gonçalves Alves (Escola de Ciências Sociais FGV)
https://orcid.org/0000-0003-2633-831X

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB)
https://orcid.org/0000-0001-9368-6176

Áltera, João Pessoa, Número 21, 2026, e02100, p. 1-11
ISSN 2447- 9837

CC BY NC ND

Resumo:
Trata-se de um texto de apresentação do Seminário Antropoarq - Antropologia e Arquivos: criação artística, memória e diálogo entre saberes no Brasil e na Colômbia, realizado em abril de 2025, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa na Bahia (FAPESB), com o intuito de recuperar a rede acadêmica interinstitucional e inter-regional, as inspirações teórico-metodológicas e os ensinamentos construídos durante o evento. Sua importância reside no fato de que o Seminário Antropoarq buscou permitir o acesso aos conhecimentos acadêmicos, artísticos e curatoriais e favorecer a promoção e o diálogo das/entre diversas produções intelectuais, com ênfase nas culturas afro-diaspóricas e indígenas e na afirmação de práticas antirracistas e de justiça epistêmica.

Palavras-chave:
Antropoarq; Antirracismo; Justiça epistêmica; Arquivos; Arte; Antropologia; Brasil; Colômbia.

Abstract:
This is a presentation text for the Antropoarq Seminar - Anthropology and Archives: artistic creation, memory and dialogue between knowledges in Brazil and Colombia, held in April 2025 at the Federal University of Bahia (UFBA) and funded by the Bahia Research Support Foundation (FAPESB), with the aim is to recover the interinstitutional and inter-regional academic network, the theoretical and methodological inspirations and the teachings built during the event. Its importance lies in the fact that the Seminar Antropoarq sought to allow access to academic, artistic and curatorial knowledges and to promote and foster dialogue between diverse intellectual productions, with an emphasis on Afro-diasporic and indigenous cultures and on the affirmation of anti-racist practices and epistemic justice.

Keywords:
Antropoarq; Antiracism; Epistemic Justice; Art; Anthropology; Brazil; Colombia.

Resumen:

Este es un texto de presentación para el Seminario Antropoarq - Antropología y Archivos: creación artística, memoria y diálogo entre saberes en Brasil y Colombia, celebrado en abril de 2025 en la Universidad Federal de Bahía (UFBA) y financiado por la Fundación de Apoyo a la Investigación de Bahía (FAPESB). Su objetivo es recuperar la red académica interinstitucional e interregional, las inspiraciones teóricas y metodológicas y las enseñanzas construidas durante el evento. Su importancia radica en que el Seminario Antropoarq buscó facilitar el acceso a saberes académicos, artísticos y curatoriales, así como promover y fomentar el diálogo entre diversas producciones intelectuales, con énfasis en las culturas afro diaspóricas e indígenas y en la afirmación de prácticas antirracistas y de justicia epistémica.

Palabras clave:

Antropología. Arte. Exposición RIOS. Antropoarq. Archivos y Memoria.

Rede Interinstitucional

O seminário Antropoarq - Antropologia e Arquivos: criação artística, memória e diálogo entre saberes no Brasil e na Colômbia[1] [1], realizado entre os dias 8 e 11 de abril de 2025, no *campus* da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, reuniu pesquisadoras(es) e profissionais de diferentes áreas interessadas(os) em refletir sobre as relações entre Antropologia e Arquivos. O encontro contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB), por meio do Edital 008/2024 PopCiências, que contribuiu para o financiamento e a viabilização do evento, possibilitando a realização de atividades acadêmicas e culturais durante quatro dias. O apoio da Fapesb permitiu o acesso ao conhecimento e favoreceu a promoção e o diálogo das/entre produções acadêmicas e artísticas, com ênfase nas culturas afro-diaspóricas e indígenas.

Cabe destacar que o Antropoarq foi concebido, organizado e submetido como proposta de evento à FAPESB, em 2024, no âmbito do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). O Programa Abdias Nascimento tem o objetivo de promover políticas de ação afirmativa, no nível da pós-graduação, aliadas à internacionalização de estudantes negras(os), indígenas e pessoas com deficiência e altas habilidades. Com a seleção do projeto de pesquisa coletivo, intitulado "Criação artística afro-latino-americana: territórios, epistemologias e diálogos entre saberes", financiado pelo Programa Abdias Nascimento (Edital 16/2023 CAPES) e coordenado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), uma rede de pesquisa interinstitucional e internacional se formou e passou a desenvolver projetos de pesquisa interdisciplinares nas áreas de Antropologia, Artes, Cinema, Estudos Culturais e Territoriais. Os projetos de pesquisa são conduzidos por professoras(es) e estudantes de mestrado e doutorado negras(os) brasileiras(os) financiadas(os) com bolsas de estudos do Programa Abdias Nascimento (CAPES) para a realização de seu período sanduíche na Colômbia.

A rede acadêmica que constitui o projeto coletivo de pesquisa "Criação artística afro-latino-americana: territórios, epistemologias e diálogos entre saberes", coordenada pelo PPGA/UFBA, é formada em colaboração, no Brasil, entre o Programa de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e, na Colômbia, o Instituto de Estudios Regionales (INER) e a Facultad de Artes da Universidade de Antioquia (UdeA), em Medellín.

1 Para conhecer o evento, acesse: https://antropoarq.com.br/ e @antropoarq.

Por meio do apoio institucional e financeiro do Programa Abdias Nascimento (CAPES), nas três instituições de Ensino Superior brasileiras vem sendo implementada uma política de internacionalização com ênfase nas ações afirmativas e de gênero, uma vez que, entre estudantes dos cursos de mestrado e doutorado que são o público-alvo da distribuição das bolsas período sanduíche, 50% deve ser formado por mulheres.

O Antropoarq também foi resultado de uma parceria interinstitucional, com ênfase na criação de uma rede acadêmica e criativa entre instituições de Ensino Superior e pesquisadoras(es) formadas(os) e em formação na região Nordeste. A realização conta com a participação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC). Com esta articulação institucional, o evento ampliou o alcance das discussões ao conectar universidades, centros de pesquisa e coletivos culturais do Brasil e da Colômbia (Universidad del Rosário, em Bogotá, e Universidad Nacional de Colômbia, em Medellín) em torno de temas como memória, arquivo, arte e produção de conhecimento. Essa estrutura colaborativa interinstitucional e inter-regional, alicerçada ainda em dois países da América Latina, viabilizou o cruzamento de diferentes práticas e perspectivas, valorizando experiências locais e regionais enquanto permanece sintonizada com as conexões transnacionais que moldam o campo da Antropologia e dos arquivos atualmente.

A decisão de realizar o encontro na cidade de Salvador (Bahia) reafirmou a importância de pensar e operacionalizar a relação entre saber e território. Ao apostar na circulação de conhecimentos a partir da capital baiana, buscou-se deslocar o centro das discussões para contextos em que a produção intelectual se vincula diretamente e, de modo valorizado, às experiências locais e às dinâmicas comunitárias em relação com realidades afro-diaspóricas e indígenas.

Esse movimento parte do situado e das posicionalidades múltiplas da vida contemporânea para alcançar questões mais amplas, produzindo diálogos e trocas que atravessam fronteiras locais e regionais e convidam a refletir sobre os modos de construir conhecimento em uma perspectiva plural e descentralizada. Essa escolha contribuiu para fortalecer redes de pesquisa no Nordeste brasileiro e no contexto latino-americano, valorizando modos de pensar e fazer que emergem de territórios historicamente marginalizados. Assim, a articulação entre saber e território tornou-se um eixo central para repensar as práticas de memória, criação artística e Antropologia, reconhecendo que o conhecimento se produz de forma situada e relacional.

Destacamos que o Antropoarq foi integrado com a programação da Mostra Audiovisual RIOS, organizada por mestrandas(os) e doutorandas(os) dos Programas

de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o objetivo de estimular a participação discente, aprimorar sua formação acadêmica e profissional na área da Antropologia, bem como promover a circulação e a visibilidade de produções acadêmicas e artísticas do Brasil e da Colômbia. A Mostra exibiu filmes, ensaios visuais, desenhos, colagens e trabalhos de campo antropológico e de áreas afins, como História, Arquitetura e Cinema, que abordaram temas de relevância social e histórica, como a luta contra o racismo e a busca por justiça epistêmica para pessoas e coletivos afro-diaspóricos e indígenas. Mais sobre a Mostra RIOS poderá ser conhecido no artigo que integra este dossiê.

Inspirações teórico-metodológicas

O evento aconteceu em um momento político-acadêmico em que esses campos disciplinares são convocados a revisar suas bases conceituais e a refletir sobre como o conhecimento é produzido, documentado e compartilhado. A proposta partiu da necessidade de discutir os modos de construção e de circulação dos saberes, reconhecendo que os arquivos não são apenas depósitos de memória, mas também espaços de poder, disputa e recriação existencial e epistemológica, tais como discutem Trouillot (2016); Cunha (2005a; 2005b); Azoulay (2024); Hartman (2020) e Campt (2017).

Nas últimas décadas, tanto a Antropologia quanto a Arquivologia têm sido tensionadas a pensar para além dos cânones hegemônicos que organizaram a pesquisa, o registro, a documentação e a divulgação dos seus conhecimentos. Os debates contemporâneos, influenciados pelos estudos de gênero, pelas perspectivas pós-coloniais e pelos saberes afro-diaspóricos e indígenas, apontam para a importância de considerar outras epistemologias, outras formas de narrar e interpretar, e, assim, recuperar e reparar mundos submetidos a diversas formas de espólio, exploração e despossessão (Azoulay, 2024; Vergès, 2023). Nesse contexto, o Antropoarq representou um espaço de encontro e escuta entre diferentes tradições e práticas de conhecimento, buscando construir diálogos horizontais e plurais na busca de visibilização de ações, projetos e intervenções antirracistas e de justiça epistêmica, no Brasil e na Colômbia.

O tema ganha especial atualidade diante de transformações que afetam tanto os arquivos quanto a Antropologia e áreas como História, Arquivologia, Ciências de Dados, entre outras: o crescimento de acervos digitais e nascidos-digitais desafiam formas tradicionais de curadoria e acesso; a mobilização de algoritmos e novas tecnologias para tratamento de arquivos expõem vieses históricos; assim como

os silenciamentos em coleções coloniais e o reconhecimento crescente de que os arquivos não são objetos neutros, mas parte ativa de regimes de memória, poder e engajamentos diversos de refazimento de vidas pessoais e coletivas (Trouillot, 2016; Hartman, 2020; Azoulay, 2024, Hooks, 2024 [1995]). Por esses motivos, pensar os arquivos na Antropologia, uma prática de pesquisa e reflexão que não é nova (Asad, 2002; Comaroff; Comaroff, 2010; Cunha, 2004, 2005a, 2005b; Vianna, 2014; Lima, 1995; Cruz, 2014), como lugares onde saberes são inscritos, contestados e reconfigurados, torna-se uma tarefa central para quem trabalha com cultura, memória e conhecimento no presente.

Diante dessas contribuições conceituais e metodológicas, e do cenário atual, o evento teve como objetivo criar um espaço de articulação entre reflexão teórica e prática, reunindo pesquisadoras(es), artistas, curadoras(es), comunidade e agentes culturais. Ao propor o diálogo entre Antropologia e Arquivos, o Antropoarq não apenas se inspira nas contribuições já consagradas de antropólogas/os, mas igualmente questiona as fronteiras disciplinares e convida à construção de novas formas de registro e representação. Essa abordagem amplia a compreensão dos arquivos como processos dinâmicos, assimetricamente produzidos e situados, nos quais se inscrevem memórias coletivas, trajetórias pessoais e modos diversos de pensar e existir.

Ao reunir perspectivas e experiências do Brasil e da Colômbia, o evento contribuiu para a consolidação de um espaço de debate voltado à justiça epistêmica, à democratização da memória e ao reconhecimento da diversidade cultural desde práticas antirracistas. Essa articulação entre memória, arte e conhecimento antropológico aponta para caminhos possíveis no pensamento sobre, com e contra os arquivos (Hartman, 2020) e as práticas etnográficas, dentre outras, face aos desafios políticos, sociais e acadêmicos do presente.

O formato colaborativo do Antropoarq gerou não apenas trocas acadêmicas, mas também experimentações em formatos de intervenções artísticas, aproximando pesquisa, prática e criação. Nesse sentido, o seminário se firmou como um espaço de encontro entre saberes diversos, institucionais, comunitários, artísticos e acadêmicos, abrindo novas possibilidades para pensar o acesso e a circulação do conhecimento na América Latina.

Dessa forma, o Antropoarq abre um espaço de reflexão sobre como os arquivos e a Antropologia podem interagir para produzir outras cartografias do conhecimento, de visibilização pública e de existência coletiva, em que se reconhecem múltiplas genealogias, outras temporalidades e formas de registro historicamente marginalizadas ou invisibilizadas. É um convite a considerar os arquivos não apenas

como depósitos passivos, mas como práticas em movimento, e a Antropologia como um campo que participa ativamente dos processos de produção de memória, de diálogo entre saberes e de reconfiguração das condições de existência do conhecimento e das pessoas e comunidades que lhe dão vida.

Alguns ensinamentos do Antropoarq

Os arquivos não são artefatos do conhecimento estáticos no tempo. O processo de revisitá-los nos leva a constantes redescobertas. Não no sentido apenas de novos documentos, que são aportados ao *corpus* documental já conhecido, mas, sobretudo, às novas miradas e investigações que nos levam a perceber aspectos até então desconhecidos ou não notados. A confluência de pesquisadores de diferentes níveis de formação e de origem contribuiu imensamente para essa nova descoberta, amplificando o nosso olhar e a nossa compreensão sobre a permanente presença e sobre o papel político desenvolvido ao longo do tempo pelos grupos subalternizados.

Arte e Antropologia podem ter características e campos próprios, mas, quando postas em diálogo, nos possibilitam formas de comunicação, experiências e sensações ainda mais potentes. Isso pode ser observado a partir das diferentes experimentações trazidas pelos vídeos, fotos, imagens e arquivos apresentados ao longo da mostra RIOS. Esse diálogo também apareceu de modo destacado nas apresentações dos *papers* ao longo do Antropoarq, em que situações concretas – como a inexistência de registros visuais de pessoas indígenas brasileiras e de pessoas afro-colombianas – foram enfrentadas com rigor por meio das práticas artísticas, abrindo caminho para a recriação de novos imaginários sobre os "passados" (Trouillot, 2016; Azoulay, 2024) que orientam práticas no presente e futuras. A atuação de antropólogos e artistas em zonas de fronteira tem demonstrado o quanto cada um dos campos avança e passa a responder às questões urgentes do seu tempo presente.

Esse esforço parece se ligar a uma longa tradição de manter-se no tempo ao qual os estudiosos e artistas passam a se juntar. Se podemos hoje saber sobre nossos antepassados indígenas e negros, um árduo trabalho de continuidade foi necessário ao longo do tempo (Pollak, 1989, 1992; Halbwachs, 1990). Por isso, não podemos naturalizar os legados de que dispomos hoje, já que eles refletem decisões administrativas e políticas de manutenção e de destruição. Outrossim, esses legados constituem um silencioso trabalho de seleção e organização que vai levando adiante, como nos sinalizava Benjamin (1994), o cortejo de vencedores.

Na direção oposta, grupos imbuídos do dever de memória, levam adiante também os vestígios e seus modos singulares de criação estético-política (Sharpe, 2023; Hooks 2024 [1995]) da presença de indígenas e negros ao longo do tempo

– mesmo apesar da interdição seletiva hegemônica, notadamente nos espaços e instituições nacionais, como discutiu Liliana Angulo Cortés, artista e curadora afro-colombiana (2024).

Nesse sentido, cabe destacar os ganhos que o reencontro e o protagonismo dos arquivos familiares têm proporcionado a essas reflexões. Tidos historicamente como elementos de segunda ordem, dispersos, confusos, desindexados e de difícil utilização, a sua retomada tem sido realizada, sobretudo, por pesquisadores vinculados a contextos coletivos de grupos excluídos dos acervos oficiais. Essa nova entrada de fontes e materiais tem permitido um deslocamento de perspectivas, permitindo a construção de novos olhares, mais diversos e plurais, como é possível ver em alguns dos trabalhos premiados aqui publicados.

Essa mudança, longe de ser algo alheia ao campo disciplinar, tem sido sentida nos âmbitos da Antropologia, da Arquivologia, das Artes e dos estudos de memória e afins. A nova Política Nacional de Arquivos Públicos e Privados, atualizada através do Decreto nº 12.599, de 28 de agosto de 2025, já indica os "arquivos comunitários" como materiais de interesse social. Além disso, no campo da Antropologia, vemos diferentes grupos de trabalho da Associação Brasileira de Antropologia investindo esforços nessa direção. Na última chamada para a sua reunião anual, a ser realizada em Goiânia, em julho de 2026, mais de uma dezena de grupos de trabalho estão dedicados às temáticas da memória, dos acervos e patrimônios. Este é, portanto, um reflorescimento que parece estar apenas em seu começo e sobre o qual desejamos que tenha uma longa vida pela frente.

Referências

Asad, T. (2002). Ethnography Representations, Statistics, and Modern Power. *In: Axel, B. K. (Org.). From the Margins. Historical Anthropology and Its Future*. Durham and London: Duke University Press, p. 66-91.

Azoulay, A. A. (2024). *História Potencial*. São Paulo: UBU Editora.

Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Campt, T. M. (2017). *Listening to Images*. Durham: Duke University Press.

Comaroff, Jean; Comaroff, John. (2010). "Etnografia e imaginação histórica". *Revista Proa*, v. 1, n.º 2, p. 1-73.

Cortés, L. A. (2024). Dossier Acciones y reacciones del arte actual frente a la racialización y el racismo. *Revista Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, v.1, p.8-13. Disponível em: https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cma/article/view/38347

Cruz, A. T. D. (2019) Fontes em fluxo e em perspectiva: uma análise antropológica de alguns dos territórios de "Maria Sapeca". In: Ribeiro, A. P. A.; Cid, G. S. V.; Vargues, G. F. (Orgs.). *Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na região da Grande Madureira*. Coleção Museu Afrodigital Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mórula, p.68-91.

Cunha, O. M. G. da. (2004). Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 287-322. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/XYzjLRvbTLVNnfsZVMJTYgf/?lang=pt, acesso em 01/10/2026

Cunha, O. M. G. da. (2005a) Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, v. 2 n. 36, p.7-32. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2242, acesso em 01/10/2026

Cunha, O. M. G. da. (2005b). Quando o campo é o arquivo. *Revista Estudos Históricos*, v. 2 n. 36, p. 3-5. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2239, acesso em 01/10/2026.

Gnecco, C.; Zambrano, M. (2000) *Memorias hegemónicas, memorias disidentes: el pasado como política de la historia*. Colômbia: Universidad del Cauca.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo. Ed: Vértice.

Hartman, S. (2020) Vênus em dois atos: *Revista Eco-Pós*, v.23, n. 3, p.12-33. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640, acesso em 01/10/2026.

Hooks, B. (1995). Fotografia e vida negra. Tradução de Lopes, R. Revisão: Bredariolli, R. e Souza, V. Academia.edu, 2024. Hooks, B. In our glory: Photography and Black Life. *In*: Hooks, Bell. *Art on my mind: visual politics*. The New Press: New York, p. 54-64.

Lima, A. C. (1995). *Um Grande Cerco de Paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

Nora, P. (1993) Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. Disponível em: https://scispace.com/pdf/entre-memoria-e-historia-a-problematica-dos-lugares-5f3mzt3gcr.pdf, acesso em 01/10/2026.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278, acesso em 01/10/2026.

Pollak, M. (1992) Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941, acesso em 01/10/2026.

Sharpe, C. (2023) *No vestígio: negritude e existência*. São Paulo: UBU Editora.

Trouillot, M-R. (2016). *Silenciando o passado. poder e a produção da história*. Curitiba: Hhuya.

Vergès, F. (2023). *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Ubu Editora.

Vianna, A. R. B. (2014). Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. *In*: Castilho, S. R.R.; Souza Lima, A. C.; Teixeira, C. C. (orgs.). *Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações*. Rio de Janeiro: Contracapa, p. 43-70.